



# monumentos

22

Revista Semestral de Edifícios e Monumentos · MARÇO 2005

## DOSSIÊ: Sé de Viana do Castelo

Mário Gonçalves Fernandes	6	Evolução do centro histórico de Viana do Castelo
Jorge Figueira	22	Um “tríptico” para Viana
Marta Oliveira	28	Viana, a Sé
Miguel Soromenho	42	Renovação urbana e arquitectónica entre os séculos XVII e XVIII: as reformas da igreja matriz
Lúcia Rosas	50	O restauro da matriz no século XIX
Ana Paula Figueiredo	56	As capelas da Sé através da documentação das suas irmandades: abordagem cripto-histórica
Vítor Serrão	80	André de Padilha e a pintura do Renascimento em Viana da Foz do Lima, 1517-1561
Fernando Jorge Grilo	92	Escultura devocional em Viana da Foz do Lima no século XVI. <i>A Lamentação de Cristo</i> da Confraria dos Mareantes
Ana Paula Figueiredo	106	Os órgãos da Sé
Cátia Marques	116	Mobiliário monumental da igreja matriz
Manuela Pinto da Costa	124	O tesouro da igreja
Francisco Contente Domingues	134	O modelo do navio da Capela dos Mareantes
Paula Cardona	138	A actividade artística das confrarias no vale do Lima
Paula Noé	144	Os mestres da Sé revisitados no Mosteiro de Santa Ana
Miguel Soromenho	166	O alpendre da Irmandade do Santíssimo Sacramento da matriz de Viana
João Vieira Caldas	172	“Casas nobres” de Viana
Miguel Malheiro; Francisco Sande Lemos, Lílina Sampaio e Sandra Nogueira; Beatriz Albuquerque; Adélia Gomes	182	A Sé de Viana do Castelo: intervenções e acompanhamento arqueológico
	190	Bibliografia

## VÁRIA

Artur Jaime, Hugo Martins e Sílvia Teles	192	Igreja do Mosteiro de Landim: reconhecimento, reflexão e recuperação
José Carlos Cruz e Pedro Alarcão	200	Posto de turismo de Conímbriga
Júlio Teles Grilo	202	Convento do Varatojo: os novos corredores da comunidade
Francisco Lameira	204	Contributos para o estudo da arquitectura algarvia: a <i>Quinta de Estoi</i>
Manuel C. Teixeira	208	Caracterização urbanística de Rabo de Peixe. Programa <i>Old Ghettos — New Centralities</i>
	214	Inventário do Património Arquitectónico
	226	Intervenções no Património
	232	Cursos/Conferências/Colóquios
	234	Exposições
	235	Publicações

# Viana, a Sé

MARTA OLIVEIRA

## Viana, a fundação do lugar central urbano

A concessão da carta de foral e a fundação de Viana por D. Afonso III, em 1258, marcam a instituição de uma nova ordem urbana, nas terras de marinha da foz do rio Lima. A estrutura da vila segue os princípios de desenho regular observados no assento de *bastides*, constituídas para reforçar as linhas de defesa de fronteira e consolidar o povoamento em regiões de ocupação esparsa. Mas, em Viana, a perfeição do modelo urbano, traçado no solo, poderá ter adquirido um significado acrescido de um acto de restauração, valorizando a memória de um antiquíssimo lugar de cristãos.

A sua existência era certificada pelas *ecclesiae* alto-medievais de Santa Maria de Vinha e de São Salvador do Adro<sup>1</sup>, e pela notícia antiga de um *pagus* suevo em terras de *Ovinia*<sup>2</sup> que confrontavam o mar e o curso final do rio, da parte de norte. Na origem do *habitat* encontra-se, por um lado, um povoamento esparsa de pequenas vilas rurais expostas na frente atlântica, terra de lavradores com uma economia agro-marítima, em que se contariam, entre outras actividades, o amanho de terras, a exploração de sargaço e de pesqueiras; por outro, uma angra nas proximidades da barra do rio, habitada por mareantes e pescadores que viviam da pesca, do rio e do mar, e da extracção de sal (actividades que serviam as comunidades do vale do Lima e do Minho interior), e que tinham por obrigação defender a barra e assistir o rei nas suas incursões contra a Galiza.

A primeira matriz de Viana, à data de fundação da vila, é acolhida na paroquial que congregava três pequenos lugares da foz do rio. A dedicação antiga a São Salvador mantém-se, dando continuidade a uma instituição com função cemiterial, que teria existido nesse lugar do adro, no quadro de organização alto-medieval<sup>3</sup>. O sítio, na frente ribeirinha, marca o centro de uma encruzilhada de rotas terrestres e fluviais que engloba o surgidouro, na entrada da barra, e a travessia do rio, as vias de penetração na bacia do Lima, e uma derrota terrestre de longo curso pelo litoral.

Com a construção da nova matriz dentro da cerca da vila, é instituída, na igreja, uma colegiada, em 1483, sendo-lhe anexas a igreja velha de São Salvador e a de Santa Maria da Vinha<sup>4</sup>. Desse modo, se faz jus ao antigo espaço de povoamento que está nos fundamentos de Viana. A nova edificação corporiza uma imagem de centralidade e domínio da povoação urbana sobre o mundo rural, remetido a uma condição de *hinterland*. Nas cartas do século XVIII, o desenho compacto e ordenado da parte urbana de Viana contrasta com a representação dos lugares rurais, que se alinham no princípio da encosta do monte, a norte do Campo da Senhora da Agonia, fechados sobre si numa organização irregular.

Viana, vila realenga e “assenhorial”, deve a consolidação da sua posição a uma economia mercantil e a uma intensa actividade transportadora, prosseguida pela frota marítima nas rotas de ligação com a Galiza e a Europa setentrional, nos mares do Sul e na carreira do Brasil<sup>5</sup>. Períodos de expansão económica, e crises de retracção e de dificuldade política, reflectem-

## Viana, the See

The old square and the parish church have a common layout that determines, as in an interface, the pattern of the urban space and its built-up scale. The church's shape is inspired by Romanesque architecture, its spans having a regular rhythm, with emphasis on the area just before the chancel that will be turned into a transept. The building itself fits in with contemporary port village churches, while the amplitude of arcades and volume within the church attest to an innovating space concept, much in line with the time of construction. From the beginning, the parish church embodied an aspiration to be raised to the rank of episcopacy, considering Viana's ancient tradition of Christian occupation. The church's Romanesque-Bizantine frontispiece was reviewed in the light of the 19<sup>th</sup> century scientific spirit, through the reinforcement of a 14<sup>th</sup> century battle reminiscence that extended to the church interior.



-se no desenvolvimento urbano, definindo os tempos de edificação da vila: um ciclo de crescimento, no trato com a Galiza e na captura de bacalhau na Terra Nova, e um circuito de intenso comércio desenhado no espaço do Atlântico, com passagem pela Europa do Norte, as ilhas da Madeira e dos Açores, e o reino<sup>6</sup>; o tempo de União das Coroas, com a abertura dos mares do Sul e o negócio do açúcar do Brasil a marcarem um período áureo de desenvolvimento dos portos do noroeste, que é interrompido, na segunda década do século XVII, por uma sucessão de infortúnios<sup>7</sup>; o final de Seiscentos e Setecentos, com o comércio de madeiras do pau-brasil e a exportação de vinhos a substituir o negócio do açúcar, e o ouro do Brasil e a revolução do milho a lançarem os fundamentos de uma nova expansão económica, escudada na posse da terra, que suscita uma mudança de acento quanto à origem da formação da riqueza, com incidência na composição das camadas mais ricas da sociedade urbana<sup>8</sup>.

Desenvolvimento mercantil e expansão económica andam a par com a constituição de uma sociedade que, além de uma população de mesteres, tem como imagem mais característica dos primeiros tempos de expansão a pessoa una do *mareante-mercador*<sup>9</sup>, figura aberta e viajada. Com o tempo, assiste-se a uma diversificação, notada na diferença de ricos armadores e marinagem, na presença de comerciantes estrangeiros e de figuras da nobreza, e na emergência de sec-

tores empreendedores de uma burguesia rica e culta, cuja posição irá enlaçar-se na descendência de famílias de casas tradicionais, detentoras de fundos patrimoniais agrícolas.

A estratificação social ditará uma variação do perfil de comitências, com os sinais de tensões entre os distintos estratos sociais a encontrarem um modo discursivo encenado na forma arquitectónica dos edifícios e no ordenamento urbano.

Do século XVI ao princípio do século XX, de Frei Luís de Sousa<sup>10</sup> a Luís de Figueiredo da Guerra<sup>11</sup> e outros, a história da vila será acrescentada da lenda de Viana como cidade renascida da Antiguidade, o seu nome corrompido pelo tempo. Fundação mítica de Gregos, ocupada por Celtas e Romanos, seria conhecida de autores antigos que a situariam a par de Tui, na *Gallicia*. Em Viana antiga teria ocorrido, no século III, o martírio de três santos, que serão tomados como padroeiros da vila, em 1630<sup>12</sup>. Em finais de Oitocentos, estudiosos da arqueologia anunciam o suposto reconhecimento da “cidade morta” antiga, nas ruínas da cidade localizada no monte de Santa Luzia. Serão essas insígnias de antiguidade, na evocação de uma linhagem urbana antiga, e a referência clássica, na expressão de uma dinâmica moderna de formação de riqueza, as duas linhas de tematização a alimentar a memória das gerações na construção notável da vila.

Desde o início, a forma da obra da Igreja Matriz de Viana parece corporizar uma ideia de restauração da

1 | Adro da Igreja Matriz de Viana do Castelo, [década de 1940].

antiquíssima “cidade episcopal”, que autores de finais do século XVII lembram, no momento em que ocorrem significativas intervenções na vila e na sua igreja maior<sup>13</sup>.

### A edificação da igreja no espaço urbano

A matriz nova começa a ser construída por volta de 1400, inscrevendo-se no interior da cerca, próximo do lugar onde se erguia o torreão principal da muralha, até ao final de Seiscentos. O espaço afectado para a construção permanecera como clareira aberta, no traçado da malha, desde a fundação da vila, ao longo de século e meio em que esta foi sendo edificada, e enquanto não haviam sido concluídos os muros<sup>14</sup>.

No exterior, do lado nascente, a torre medieval visa, ao fundo de uma mancha de casario arruado, a antiga paroquial que guardava a invocação das Almas, e como que devolve a sua vista para um largo amplo do interior urbano (fig. 2). Aí, onde reúne o concelho, é o sítio mais significativo entremuros, junto de umas lajes de penedos com sepulturas rupestres. Na implantação da igreja, a ousia aconchega-se junto da torre da cerca, unindo à sua figura um sentido de anunciação do lugar da nova sede religiosa<sup>15</sup>.

O uso do torreão como rótula de um sistema de visibilidades e referências de orientação, no espaço da vila e da sua envolvente, é confirmado pelos factos que rodeiam o seu desaparecimento, no final do século XVII. A demolição, com vista ao aprofundamento da capela-mor, dá lugar à construção de uma nova torre, no extremo sul do transepto, onde se situa a Capela da Irmandade dos Clérigos, do Espírito Santo, São Pedro e São Paulo.

A nova posição estabelece uma relação visual com os eixos urbanos que organizam os acessos principais à vila: a entrada, do lado nascente, no percurso que encaminha do Convento do Carmo em direcção à Igreja

das Almas, ao convento das freiras de São Bento, e ao cais do rio; e a Rua de São Sebastião (actual Manuel Espregueira), a poente, que estrutura a expansão moderna na direcção do largo do Convento de São Domingos<sup>16</sup> e do Forte de Santiago. A elevação da nova torre do Espírito Santo e a agulha do coruchéu tornam-se uma referência no perfil da vila, nos percursos terrestres e na travessia do rio<sup>17</sup>.

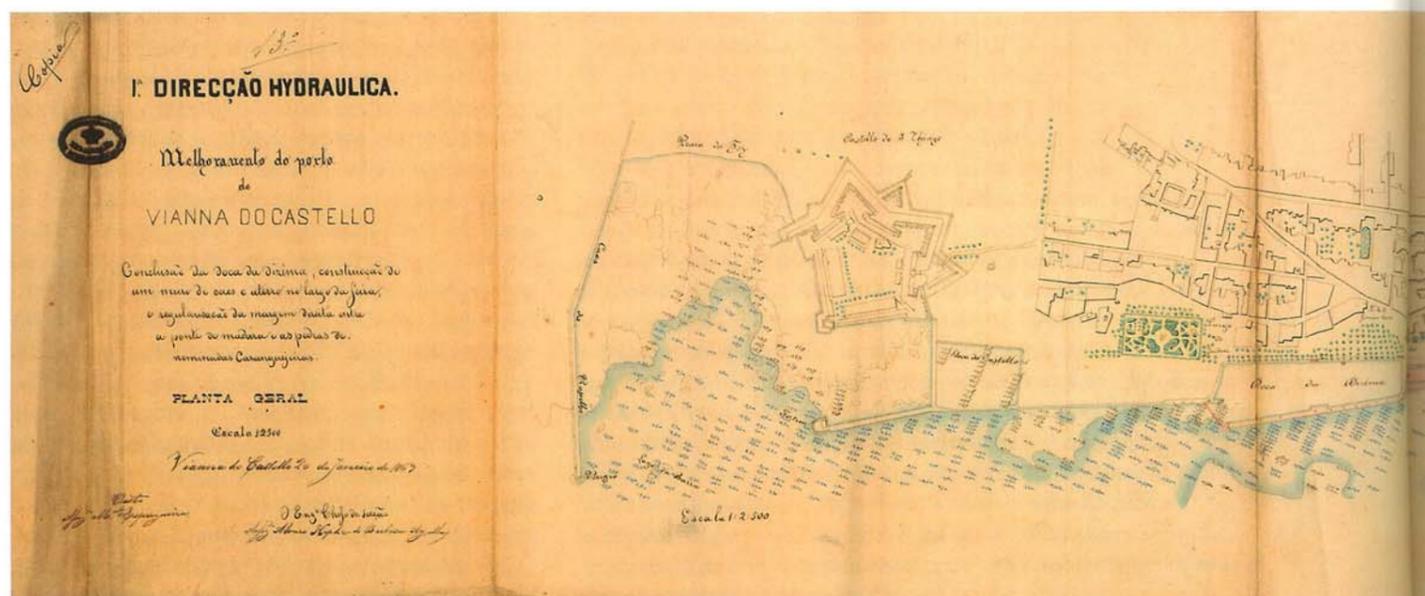
Duas torres da matriz organizam a leitura de coordenadas principais dos pontos cardiais (fig. 3). A torre norte da fachada da matriz referencia a orientação nascente-poente, a partir da Porta de São Pedro (das Atafonas); e a torre do Espírito Santo pontua o alinhamento em que surgem, a norte, num único enfiamento, a Capela do Santíssimo Sacramento, o altar maior da matriz, e a fachada da capela da casa da praça, dos Malheiro Reimão<sup>18</sup>. Desse modo, a sua posição marca uma projecção de sentidos em altura, e a sua anunciação no espaço.

Na praça velha, onde coincidem as instituições religiosa e concelhia, até aos alvares do século XVI, o corpo da matriz ajusta-se de tal modo no espaço que a configuração urbana do largo e o seu enquadramento por uma frente de casas com arcadas, do lado noroeste, parecem conjugar-se, desde o início do plano da vila duocentista, na antecipação da implantação prevista para a igreja nova.

Num espaço urbano traçado com princípios de regularidade, não estranha a colocação assimétrica do porticado da praça, pois a solução respira bom senso. Como em outros lugares urbanos, de norte a sul do reino, os alpendres dispõem-se do lado onde são mais necessários, oferecendo protecção do calor e da intempérie, numa ponderação exacta das condições locais mais adversas de exposição.

Definido o enquadramento da frente da praça, do lado noroeste, a igreja matriz ocupa a centralidade do espaço aberto remanescente. Depende da extensão do corpo das naves a relação estabelecida entre a edifica-

2 | Planta geral de melhoramento do porto de Vianna do Castello, assinada por A. Kopke de Barbosa Ayalla, datada de 1869.



ção religiosa e a Rua do Poço, que se insere na praça sobre uma linha mediana. A Rua do Poço não integra o sistema de eixos principais que organizam a rede viária entremuros, mas é o arruamento principal da zona mais qualificada da vila, que se dispõe na parte alta, junto do largo da matriz. Aí localizam-se os quarteirões com uma profundidade mais avantajada, que beneficia um sistema de parcelamento em que a configuração dos lotes é indexada na largura e na profundidade. O modo de inserção da rua, na praça velha, oferece uma perspectiva recortada da fachada da igreja que se apresenta omnipresente, ao fundo da via<sup>19</sup>. A impressão de proximidade é sublinhada com recurso a uma diferença de largura da Rua do Poço, que é mais estreita do lado do Hospital Velho, e alarga, do meio em direcção à praça.

Numa interpretação que relevaria de um conceito de espaço contemporâneo, como um abstracto contínuo, poderia ser notado o desacerto que impede uma relação estritamente axial da Rua do Poço e da entrada no templo. Mas, de facto, a concepção subjacente parece ser antes a de uma demarcação de domínios e de espaços, por englobamento e exclusão. O alinhamento das fachadas da Rua do Poço, do lado noroeste, entesta com a porta da matriz, a eixo (a entrada seria protegida por um alpendre), definindo de modo inclusivo o quadrante mais regular da praça e a parte da igreja, do lado do Evangelho<sup>20</sup>. A maior amplitude de espaço livre da praça velha dispõe-se atravessada relativamente ao desenvolvimento do interior da igreja, tanto quanto esta se estende em profundidade, na parte das naves (fig. 3)<sup>21</sup>. A disposição concede uma dilatação de pontos de vista que desvendam progressivamente o corpo da edificação religiosa, ao longo da via encurvada que recorta a malha da vila, unindo as portas do Campo do Forno ou de Santiago, a norte, e o postigo de São Crispim, a sul. A largueza de vistas e uma variedade de perspectivas, alcançada na sucessão de enfiamentos frontais e lateralizados, dependem da antepo-

sição de um largo, relativamente à edificação em destaque, e da existência de variados pontos de inserção dos arruamentos, no espaço urbano. A tematização dessa ideia de *varietas* é característica do século XV, mesmo quando a expressão formal é diversa<sup>22</sup>.

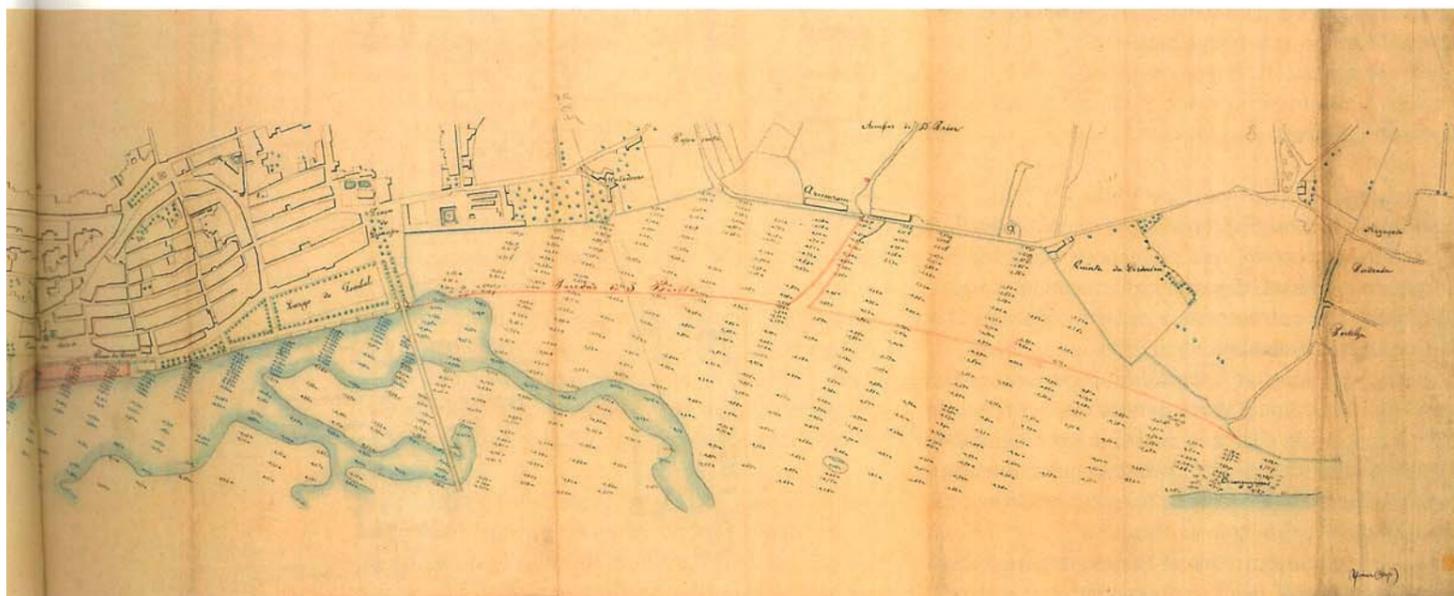
No século XV, Leon Battista Alberti anota, no tratado de arquitectura, a vantagem de as ruas, no interior da cidade, não passarem em linha recta, mas em amplas curvas, como voltas de um rio, dando a impressão de que a cidade é maior, como factor de embelezamento, de prática conveniência e mesmo de necessidade; declara inclusive que uma excessiva abertura pode ser desagradável e malsã<sup>23</sup>.

Em Viana, o traçado antigo da Rua da Praça (de Sacadura Cabral) revelava um mesmo sentido de ocupação do espaço. A disposição encurvada e o aperto que surgia, antes da inserção na praça velha, do lado norte, protegem o espaço urbano entremuros de ventos agrestes dos quadrantes norte e noroeste, e reduz o efeito do seu encanamento<sup>24</sup>.

Um lugar urbano ocupado por uma edificação religiosa, no meio, parece fazer referência a um modo de implantação de templos, que teria sido superado pelos Romanos com a concepção do *forum* como espaço urbano próprio, enquadrado de modo cénico pela fachada das instituições. Nesse sentido, a reedição da praça tomada por uma edificação, no período medieval, daria prevalência ao corpo da instituição, em detrimento do lugar urbano, sinalizando um retrocesso decorrente da falta de um entendimento do espaço e da ausência de referências clássicas.

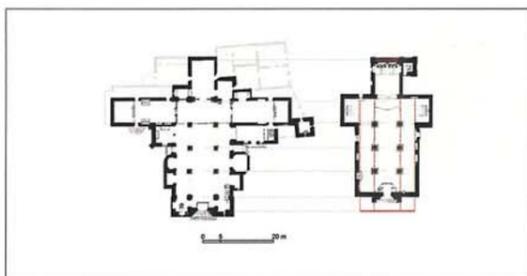
Todavia, a ideia não se aplica em Viana sem a reserva de que a solução imaginada, para o sítio, é mais complexa. A praça velha é ocupada pelo corpo da matriz, mas as relações geométricas e proporcionais que ordenam a implantação da obra mostram que apenas a parte da igreja recai sobre o domínio do espaço urbano.

O corpo das naves surge como equivalente de um lugar urbano: um sítio abrigado e um espaço tempe-

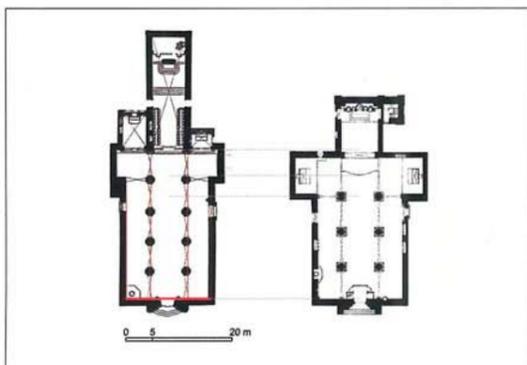




7 | A Igreja Matriz de Viana e a Igreja de São Domingos, Vila Real.



8 | As igrejas dominicanas de Guimarães e Vila Real.



riência de contenção e expansão do espaço de sequência A-B-A (o módulo A envolve a nave central, no primeiro tramo, até à face do coro). Ao comprimento, uma variação subtil no alinhamento dos pilares da arcada formeira vai reduzindo a amplitude da nave central, até aos pilares do transepto, abrindo novamente na direcção do arco triunfal. O segundo tramo e o tramo do transepto são aproximadamente quadrados; o terceiro e o quarto são mais largos que fundos<sup>31</sup>.

A variação dos tramos, com ênfase no tramo que precede a cabeceira (a sua dimensão é quase igual à largura da nave central), concede uma amplitude de espaço que viabiliza a sugestão de um transepto. Este aspecto reveste-se de um significado especial, pois até ao início de Quatrocentos o transepto parece ter um uso reservado. Está presente nas sés e igrejas maiores de ordens religiosas, mas não surge de modo tão evidente nas igrejas de assistência paroquial. A sua existência, na forma explícita em planta ou apenas indicativa em volume, qualifica o corpo da edificação e viabiliza uma hierarquização de lugares, no interior do espaço religioso.

Com as igrejas de povoações em que se dá um desenvolvimento urbano acentuado no final do período medieval, a exemplo das vilas portuárias de Caminha e Azurara (fig. 5), e da vila ribatejana da Golegã, a matriz de Viana evidencia afinidade ao nível da amplitude dos tramos, com excepção do primeiro<sup>32</sup>. A sua forma diminuída indicia que a igreja foi condicionada pelas dimensões do espaço urbano demarcado para a sua implantação, no traçado de fundação da vila.

No plano da resolução material de uma edificação religiosa, o espaço poderia ser encerrado por meio de abóbadas ou de tectos de madeira, mas há razões que justificam a decisão particular pelos tectos de madeira:

um sentido de materialidade que Viana partilha com as vilas situadas em frentes ribeirinhas, marítimas e fluviais, ou com acesso próximo a vias de transporte fluvial, pela facilidade de obtenção da madeira, e pela existência local de uma tecnologia evoluída do seu trabalho, nos estaleiros navais.

Com certas igrejas góticas de Quatrocentos, como a de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães (fig. 6) e de São Domingos de Vila Real (fig. 7), a igreja de Viana comparte não apenas uma afinidade de corpo edificado e uma definição material convergente, como, em especial no caso da igreja de Trás-os-Montes, idêntica definição dos tramos que juntamente perfazem a resultante de espacialidade interior.

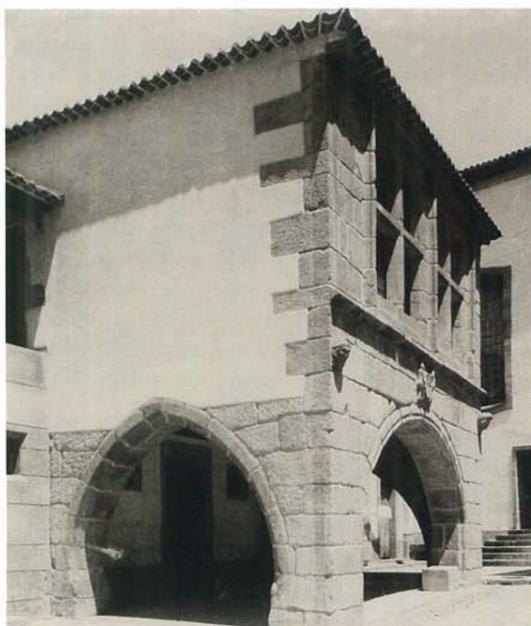
Do mesmo modo, nas igrejas de Viana e de Vila Real, o aspecto exterior da obra detém um acento românico, que parece referência de obra tardia e arcaizante, desmentida, portas adentro, por uma amplitude de espaço nova, desconhecida inclusive dos templos góticos do século XIV. A leitura desse sentido novo do interior não é favorecida pela fenestração, cuja exiguidade limita a expressão de volumes aéreos característica de certas igrejas da época, como a de Santo Agostinho da Graça, em Santarém<sup>33</sup>. Trata-se, apesar de tudo, de uma concepção espacial inovadora, no plano da configuração, mas não do desenho da forma, o que pode ser evidenciado, tomando São Domingos de Guimarães, de onde procede um dos fundadores da obra trasmontana, como termo de comparação para a igreja de Vila Real, da mesma ordem (fig. 8). A diferença das duas edificações incide na amplitude concedida ao transepto e ao vão das arcadas formieras, que estabelecem uma continuidade e uma abrangência de leitura transversal do espaço das três naves<sup>34</sup>.

A matriz de Viana mostra a continuidade de um modelo de igreja que é compatível, na escala da edificação, com obras de cronologia muito diversa. Pela sua natureza apresenta-se como uma obra comum da pastoral das comunidades, mas a configuração da sucessão de tramos e a ênfase colocada no espaço que precede a cabeceira perspectivam uma concepção de percursos e de lugares qualitativamente diferentes, no interior do edifício, tal como é praticada nas sés e em outras igrejas principais que concorrem com a edificação maior da respectiva diocese.

#### A disposição da igreja como figura da vila

Certos aspectos de conformação do interior da matriz individualizam o projecto como uma solução particular, adaptada ao sítio. O primeiro tramo parece desmentir uma intenção de amplitude referida anteriormente, pois é significativamente mais curto que os restantes. A leitura da sua marcação é ambivalente, pois a volumetria tripartida engloba os fundamentos das torres que enobrecem a fachada, no remate das naves laterais, e um espaço de átrio interno, na parte correspondente ao tramo central. No andar, o coro apenas abre para a nave central.

9 | Casa de João Velho, em data indeterminada.



De facto, a profundidade do primeiro tramo é equivalente à largura das naves laterais. Em torno da nave central desenha-se uma envolvente de arcadas, em três lados, aberta na direcção da cabeceira da igreja, que recria, no interior das naves, a ideia de um espaço urbano abrigado, em articulação com a praça pública (figs. 3, 9-10). E a Capela dos Melo Alvim, junto do transepto, do lado do Evangelho, abre espaço para a nave, acrescentando-lhe profundidade além do duplo arco, que alegra o vão compassado da arcada formeira.

A largura das naves laterais e o seu comprimento são equivalentes à frente de arcos que se estendia do lado noroeste da praça, da qual apenas resta o pórtico da Casa de João Velho (figs. 2 e 9)<sup>35</sup>, enquanto que o desenho das arcadas formeiros da matriz, na parte da altura concedida aos elementos de suporte (os pilares ou pés-direitos que terão sido revestidos e eventualmente modificados), se aproximaria do traçado patente na secção da arcada, e nos alpendres do edifício dos Paços do Concelho. Todavia, diferentemente, a nascedora dos arcos da igreja partia de pilares ou pés-direitos, cuja altura não deveria ser muito diferente da actual, enquanto que as arcadas urbanas nascem (quase) rente ao chão.

Semelhança de traçado dos arcos e variação no modo da sua elevação são igualmente significativas: a semelhança porque propõe uma imagem de unidade da instituição religiosa e dos edifícios da comunidade local; e a variação porque a arcada da matriz se eleva a partir de um elemento de suporte que actua como um “pedestal”, introduzindo uma nota de distinção de qualidade, por comparação com as obras profanas. Mas prevalece uma impressão de familiaridade das formas locais, que se torna evidente, se for considerado que as arcadas da igreja de Viana diferem da generalidade dos planos formeiros das outras igrejas citadas anteriormente, no modo de lançamento



10 | As arcadas ornamentadas com cogulhos, na sequência das obras realizadas na década de 1880 no interior da Igreja Matriz de Viana.

dos arcos e na definição dos elementos de suporte vertical, constituídos por colunas ou pilares mais altos.

As naves laterais parecem evocar a ideia de uma galeria alpendrada aberta sobre a nave central, mas a largueza do seu vão também estabelece uma outra relação, pois a dimensão é semelhante aos valores de largura de arruamentos, tomados na estrutura viária da vila entremuros, em particular na Rua Grande<sup>36</sup>. Deste modo, a Igreja Matriz de Viana toma parte do espaço urbano público, definindo uma razão de proporção com outras partes urbanas da vila.

A igreja maior da vila condensa a imagem de *analogon* do corpo da cidade, mas o seu modo de inserção no espaço urbano denuncia a intenção de preservar uma diferença no interior do traçado de parcelamento. O sítio da edificação religiosa não perfaz um quarteirão; a posição da igreja destaca-se da retícula envolvente. A orientação singular marca a diferença de um lugar único, subtraído à variação de orientação da malha urbana que acompanha o recorte de terra firme, ao longo da frente ribeirinha.

### Sinais de antiguidade

A concepção do espaço interior definida em conformidade com o seu tempo parece surgir envolvida numa expressão exterior arcaizante: atavismo e inabilidade de oficiais locais, ou a edificação intencional de uma obra à imagem da sua tradição de linhagem antiga... Compreendida a figura, notados os sinais incrustados no edifício e recontadas as intervenções efectuadas ao longo do tempo, toma sentido a ideia de fabricação de um pedaço de memória da historicidade de antiquíssima sede urbana.

Nas Cortes de 1439, os vianenses apresentam a D. Afonso V uma petição para que o rei lhes faça uma

torre na igreja<sup>37</sup>. Nesse tempo, a figura de igreja com torre parece estar reservada às sés e a templos maiores de ordens religiosas de Agostinhos e Beneditinos. Pelo contrário, Cistercienses, Franciscanos e Dominicanos não usam a apresentação de um sinal de senhorio, e na edificação das paróquias ainda não é comum o modo de afirmação local, embora a partir de Quatrocentos comecem a surgir casos de igrejas de fiéis com torre, em especial nas vilas do centro e sul do reino, e em terras de fronteira, onde se verifica um acentuado desenvolvimento urbano<sup>38</sup>. No litoral noroeste, as vilas portuárias de Caminha, Vila do Conde e Azurara apenas constroem as suas torres a partir da segunda metade do século XVI<sup>39</sup>. Pelo contrário, a matriz de Viana ostenta uma fachada com torres já no final de Quatrocentos.

Desde o início, o caminho encetado pela igreja de Viana aponta a definição de um sentido de obra grave, antecipando o reconhecimento de uma condição que será alcançada com a elevação a *Mui Notavel Vila*, outorgada em 1563. E procura obter uma titularidade diocesana, que é acolhida num projecto de subdivisão do território da arquidiocese de Braga, de 1543-1545, prevendo a constituição de um bispado na vila limiana<sup>40</sup>. As transformações por que vai passando a igreja mostram um incessante aperfeiçoamento da obra, na antecipação de um estatuto que apenas será correspondido no século XX, em 1978. O alçado principal com duas torres institui uma imagem de antiguidade e senhorio. A torre norte guarda, a par com uma inscrição delida, as armas do bispo D. Justo Bal-

bino, sob cuja governação a obra chega a provisório termo, ainda no século XV; a torre sul apresenta as armas de D. Afonso V. Num registo médio, um pouco abaixo das inscrições, a fachada das torres expõe aberturas que lembram a forma de um ajimez. Porém, o desenho de pormenor e a sua dimensão revelam um sentido de medida em consonância com a superfície mural em que se inscrevem, confirmando a impressão de que se trata de uma imitação e não de peças porventura recuperadas de uma edificação antiga existente nas proximidades. Os sinais de evocação de anciandade repetem-se na abertura da sineira da torre do lado norte, que mostra a forma de um pequeno arco, levantado sobre imposta e colunelos. O seu traçado em asa de cesto quase parece sugestão de forma peraltada ou ultrapassada<sup>41</sup>.

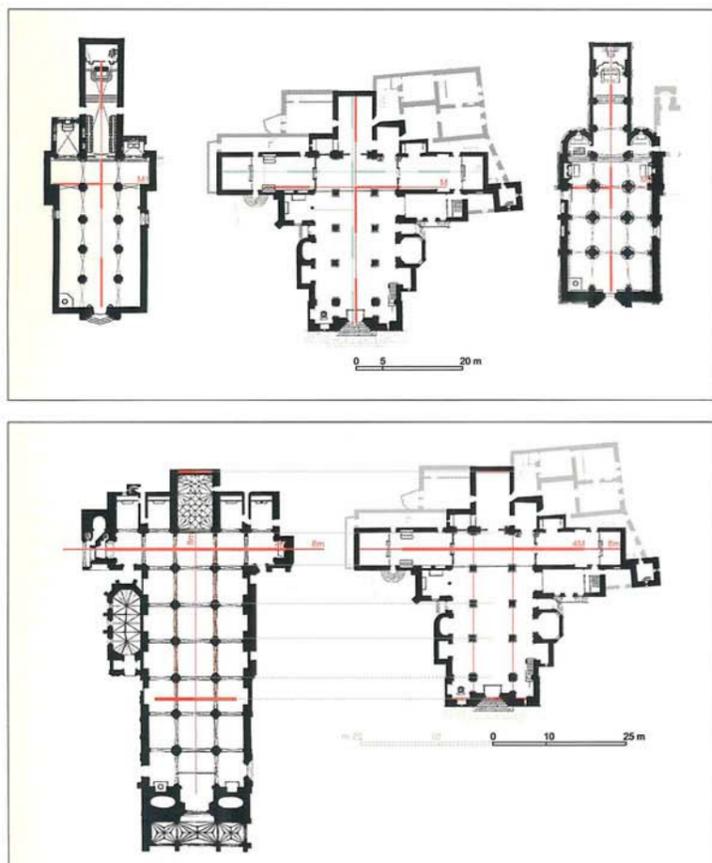
Por sua vez, as torres são rematadas por uma cornija de aparato, com a forma de arquinhos e cachorros figurados, sobre a qual se levanta o parapeito saliente, encimado por merlões de recorte manuelino. A obra não apresenta os elementos mais característicos de um coroamento quinhentista — uma cornija simples ou com modilhões e merlões —, patente na torre de Caminha e em outras torres do Alto Minho, ou do Convento de Vilar de Frades, e difere da solução exposta na torre do Espírito Santo, constituída por um entablamento e balaustrada com acrotérias, a enquadrar um coruchéu facetado, que é comum nas igrejas de finais de Seiscentos e da primeira metade de Setecentos.

Na sua forma actual, o remate das torres detém um sentido de contextualização historicista que surge, com variantes, em certas obras mais tardias, porventura do século XIX. A parede termina num parapeito saliente, que pode esconder um telhado; a variação dá-se ao nível da forma dos elementos que resolvem a indicação de suporte e o coroamento, detendo inscrito o tempo da obra. No exemplo do coroamento ameado das torres do paço galego de Castrelos, de Vigo, os modilhões, sob o parapeito, adoptam uma notação clássica, enquanto que na Casa do Castelo, em Sistelo, Arcos de Valdevez, a novidade da forma dos elementos equivalentes é de efeito castrense<sup>42</sup>. Porém, a forma do coroamento vianês não se enquadra nas opções estilísticas tomadas na igreja, nessa época. Assim, o carácter “invencionado” da composição poderia ser anterior a mais de um século, se não for de factura coetânea da edificação das torres, concorrendo com as formas expressivas e comunicantes que singularizam as casas quinhentistas de Viana<sup>43</sup>.

Certos ornamentos do interior da igreja, como o grupo de esculturas de Cristo Morto, adquirido por João Velho e outros vianenses em Londres, em 1524, para a Capela dos Mareantes, consolidam um discurso sobre a primazia e antiguidade da matriz. A origem das peças, que, segundo a tradição, teriam sido doadas pelo papa Clemente VII ao rei Henrique de Inglaterra, torna-se signo precioso de autoridade para a igreja vianense, compondo o sentido de continuidade da tradição eclesial, no Átrio, dedicada ao Divino Salvador<sup>44</sup>.

11 | A Igreja de São Domingos de Guimarães, a matriz de Viana e a Igreja de São Salvador de Paço de Sousa, a extensão da capela-mor e a proporção do espaço interior.

12 | A Sé de Braga e a matriz de Viana. Em esquema sobreposto na planta da Sé de Braga, encontra-se notada a disposição elementar da matriz de Viana, com indicação do alinhamento da arcada formeira, a eixo, limite do interior do corpo das naves, aos pés da igreja e no fundo da capela-mor, e medidas de extensão interior do transepto.



### A forma moderna, um passo de contemporização

Com as intervenções realizadas em Seiscentos e ao longo do século XVIII, a configuração inicial da edificação — paroquial de três naves, de corpo compacto sem transepto, alterada já pela adição de capelas de confrarias e famílias — cede, definitivamente, lugar a um novo equilíbrio na distribuição dos lugares, no interior da igreja.

O espaço transversal ante a cabeceira, que a amplitude do último tramo deixava anunciado como um transepto, torna-se manifesto. A nova disposição da igreja, contando o aprofundamento da capela-mor, até ao limite concedido pelo sítio de implantação, junto da cerca medieval, sugere uma configuração planimétrica de referência centralizada. Um exercício paralelo de transformação do espaço religioso, com a sua extensão em profundidade, e a deslocação do centro de gravidade da igreja para o transepto, ocorre em obras coevas de ampliação da capela-mor, nas igrejas de São Domingos de Guimarães e de São Salvador de Paço de Sousa (fig. 11)<sup>45</sup>.

O processo de dotação da igreja com um transepto tinha começado com a instituição da Capela da Irmandade dos Clérigos, do Espírito Santo, São Pedro e São Paulo, a mais antiga confraria de Viana<sup>46</sup>, e prosseguira com a implantação da Capela do Senhor Jesus dos Mareantes, do lado do Evangelho<sup>47</sup>. Nos alvares de Setecentos, coincidindo com um novo período de desenvolvimento económico da vila, entrou em curso a ampliação da capela-mor<sup>48</sup>, e foi levantada a torre no extremo do braço sul do transepto, que estabelece novas coordenadas de referência da matriz no território da vila. Em 1778, efectua-se um novo aprofundamento da Capela dos Mareantes, no que poderia ser entendido como um sinal de despique entre as confrarias mais importantes da vila. Na solução final, o meio da nave transversal não coincide com o eixo central da igreja. O centro de gravidade do espaço religioso, no cruzeiro, inclina-se subtilmente para o lado da Capela dos Mareantes.

A igreja é mais larga que profunda, numa relação de 8:7<sup>49</sup>. A reformulação (quase) simétrica dos braços do transepto, iguais à dimensão do corpo das naves, dá origem a uma extraordinária nave atravessada, que

redobra a dimensão da parte equivalente do transepto, na Sé de Braga, tornando-se tão extensa quanto o corpo de naves da catedral (fig. 12).

Depois da entrada na igreja, a impressão de compressão do espaço, sob o coro, cede lugar ao impacto da amplitude do interior da igreja e a uma impressão de profundidade, que é acentuada pela redução progressiva da nave central e pela leitura contínua da arcada formosa que se prolonga até à parede do arco triunfal. Na passagem ao transepto, o efeito de alargamento do tramo do cruzeiro e a extensão dos braços das naves transversas conjugam-se numa dramatização do espaço que precede a cabeceira, que se torna verdadeiro centro do templo, banhado de luz, para o qual se abrem as capelas da cabeceira.

A magnificência da obra do transepto toma um significado mais preciso se for considerado que aí se encontram os altares e capelas de confrarias de famílias principais da vila que dispõem de um lugar de tumulação. Nos braços da nave travessa, em representação de comunidades distintas da sociedade vianesa, e em mostra de diferentes vias de formação de riqueza, de importância e ascensão social, defrontam-se, de um lado, a irmandade religiosa dos homens do mar, que associa a prática de obras pias a uma função de corporação de ofício, e, do outro, uma confraria clerical, aberta à sociedade civil, que integra sectores dominantes da burguesia e nobreza locais. Na distribuição dos lugares dentro da igreja, já no século XIX, surge ao fundo, colocada à esquerda junto da entrada, a imagem de São Cristóvão, de uma altura descomunal, que pertence ao concelho e recebe fervoroso culto dos fiéis<sup>50</sup>.

A disposição dos altares e a hierarquia de lugares e posições, dentro do espaço sagrado, testemunha, mais do que uma escala de valores promovida pela Igreja e transmitida pelo clero, a história local de formas de devoção e de sensibilidade religiosa. Ao mesmo tempo, as sucessivas intervenções concedem a evidência de uma responsabilidade social assumida no concerto e enobrecimento da igreja-mor da vila.

É possível que as obras na metade da igreja, do lado da cabeceira, antecipassem uma reforma mais geral da edificação, contemplando uma reformulação da fachada principal. Numa planta de Viana de 1759 (v. fig. 1, na página 167 desta mesma edição), as torres surgem coroadas por um coruchéu, semelhante ao que fecha o alto da torre do Espírito Santo, enquanto que, nos registos inferiores, a distribuição das aberturas concorda com a leitura actual. No tramo central da fachada parece recortar-se um frontão, vislumbrando-se uma sequência de três aberturas quadrangulares, esguias, ou duas aberturas e um nicho, em lugar da rosácea<sup>51</sup>.

A organização do alçado mostra a igreja na feição característica da arquitectura religiosa de Entre-Douro-e-Minho, da primeira metade do século XVIII, no momento em que, nos edifícios medievais, monásticos e paroquiais, se aproxima de provisória conclusão a primeira e geral reforma seiscentista/setecentista das edificações<sup>52</sup>. A autoria dessas intervenções encontra-se

13 | A Casa da Carreira, na actualidade, vendo-se as fachadas manuelina, voltada a poente, e a clássica, voltada a norte.





14 a 16 | O hospital da Misericórdia e a matriz de Viana (publicados em Emilio Biel, *A Arte e a Natureza em Portugal*, 1902-1908); o templo de Santa Luzia. A fachada das varandas do hospital da Misericórdia, ainda com os gradeamentos ornamentados que reservavam a arcada do piso baixo, e o templo do Sagrado Coração de Jesus, da Confraria de Santa Luzia, encenam uma retórica de apresentação eloquente da instituição em que se revêem estratos principais da sociedade vianense. À luz dessa diferença, a matriz sobressai como figura honesta e grave, de identidade concelha e autoridade eclesiástica antiga, que resguarda, no interior, as capelas e bens preciosos, fruto do trabalho dos homens e da grandeza da terra, dedicados ao Salvador, Senhor Jesus dos Mareantes.

identificada para o espaço da diocese de Braga, que se torna referência e centro de irradiação da intensa campanha edilícia, sob mecenato dos arcebispos. A acção de renovação desenha-se primeiro com os sinais de um trabalho claro e severo, atribuível ao exercício de arquitectos-militares, activos na região de Braga e de Viana, e no Alto Minho, praticado indistintamente na arquitectura militar, religiosa e civil. Seguem-se as intervenções realizadas pelas gerações seguintes de arquitectos e decoradores, a partir de meados do século XVIII, em que se acentua o espaço de ornamento e a expressão concedida a uma decoração barroca e rococó<sup>53</sup>.

Assim, as obras de requalificação da matriz de Viana, de notação arquitectónica clássica, assinalam o momento de uma integração no modo comum de apresentação das edificações da Igreja e das ordens religiosas, e de solares e propriedades do mundo rural de Entre-Douro-e-Minho. Traços de convergência, no quadro de um movimento de renovação da arquitectura, que acompanham uma alteração social da comitência, no domínio clerical e senhorial, com a marca de uma formação de riqueza cruzada entre o comércio e a posse da terra.

Não há necessariamente um apagamento de sinais anteriores, antes, uma diferença de formas mostra-se a entestar a frontaria das edificações, e apresenta-se nas fachadas laterais, na cabeceira e no interior. Com fundamentos variados de historicidade, um mesmo gosto de invenção atravessa as obras nortenhas dos séculos XVII e XVIII, da abóbada manuelina seiscentista das naves da igreja de Vilar de Frades, à revisão clássica da Sé de Braga, ao envasamento das torres da igreja beneditina de Pombeiro de Riba Vizela. O resultado surge como uma oscilação de planos de tempo, na ronda das obras, e como uma conjunção de diversidades, lida na ambivalência de duplas faces, na matriz de Viana, com a diferença da fachada e do corpo da edificação, e na Casa da Carreira (fig. 13).

Um gosto singular que se distancia do princípio de unidade de obra, em favor do sentimento agitado e *exquis*, manifestado por gerações de vianenses que moldaram a forma edificada da vila e das suas instituições, numa contínua acção de recomposição.

#### O olhar historicista de Oitocentos

O interior do corpo das naves de Quatrocentos, com tectos de madeira, guardaria uma imagem significativa do tempo da fundação da igreja, que teria permanecido intocada na sua reforma moderna, até ao início do século XIX, quando se dá o violento incêndio que devasta o interior da igreja, em 1806.

As obras de recuperação subsequentes marcam a introdução de um princípio divergente de intervenção na edificação. Não acontece uma reposição das partes afectadas, ou uma intervenção de inovação, antes tem início um processo mediado de releitura do edifício e de identificação do tempo da sua fundação, que orienta a inscrição das coordenadas estilísticas, de reminiscência "batalhina", adequadas à perfeição da forma e unidade da obra<sup>54</sup>.

A intervenção revela qualidades distintas, no interior e no exterior da igreja. No interior, a natureza planar das arcadas formeiras, que ofereceria um contraste com a sensibilidade matérica, exprimida na articulação complexa dos tectos de madeira, cede lugar a um abobadamento do espaço, e à explicitação de um sistema integrado de suporte, notado no revestimento uniforme das superfícies que contêm o espaço. O trabalho de representação de uma linguagem arquitectónica envolve as paredes e as abóbadas, sem que seja possível desenvolver a dimensão espacial dos elementos de suporte notados no plano. A sua apresentação encontra-se reduzida a uma decoração de efeito linear e pictórico, acentuado pela pintura de factura mais tardia.

Na fachada, a enquadrar a rosácea de evocação manuelina<sup>55</sup>, os contrafortes levantam-se até à parte alta da empena, e a toda a largura da frente da igreja estende-se o adro demarcado na praça velha, com pavimento de cantaria tomado ao centro por um tabuleiro amplo, elevado de três degraus, que abre espaço frente à entrada principal da igreja e concede largueza de passo, na transição para o interior (fig. 15)<sup>56</sup>. A existência de um tabuleiro na entrada para a igreja é entendida como ornamento da edificação, já desde o século XV<sup>57</sup>, mas o aparelho da pedra e a forma arredondada dos cantos do tabuleiro e dos degraus concordam com o tratamento dos contrafortes, na subtileza de um pequeno encavado delineado como um rebordo de sombra e luz, num acento de moldura de pilastra. Esses apontamentos e certos aspectos de pormenor da modicidade da rosácea respiram um mesmo gosto doce que se expande no tratamento do interior das naves, porém detêm uma qualidade arquitectónica dada pela matéria edificada.

A referência patente no óculo da fachada, que servia por igual uma identidade temática da empresa da navegação e do comércio, manuelina e vianesa, e a nota de apontamentos batalhinos do tempo da fundação de Santa Maria da Vitória e dos primórdios da Expansão, inspirados nas obras joaninas e de D. Duarte, na igreja, na Capela do Fundador e na Casa do Capítulo, e revisitados na intervenção efectuada no interior da matriz, parecem conjugar-se num propósito específico, que toma sentido através de um pormenor de decoração. Na igreja surge um elemento de ornamento, que adquire um sentido de enobrecimento e exaltação, em função da sua colocação no espaço, dimensão e apresentação em duplicado: os arcos acarelados das naves, de rendilhados lobulados (fig. 10)<sup>58</sup>. O mesmo pormenor distingue as sés de Braga e de Silves<sup>59</sup>, pelo que o seu apontamento, em Viana, como que inscreve um sinal de enquadramento temporal e equiparação de estado da edificação<sup>60</sup>.

O tema da obra é ainda o da fundação antiga da cidade, sublinhada na romanidade da fachada da igreja, de *estilo bizantino-romano*<sup>61</sup>, e na forma castrense das torres, acrescentado de um princípio novo: a fundação no contexto da segunda dinastia, a que se associa, na distância concedida pelo tempo, um propósito historicista de restauro, com melhoramento estilístico da edificação religiosa.

O processo, que decorre em paralelo com os primeiros passos de reconhecimento histórico-artístico e arqueológico de monumentos nacionais, e as intervenções de restauro do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, que também fora afectado pelas invasões francesas, não pode ser dissociado de intervenções contemporâneas na vila que determinam a não conservação de outros edifícios<sup>62</sup>. Quadros de Viana do Antigo Regime — a mole do convento de freiras de São Bento a espelhar-se nas águas do Lima, o cais para a travessia do rio<sup>63</sup>, a Praça do Príncipe e o Largo de Pombal a formarem uma frente urbana setecentista, uma parte do Convento do Carmo e a cerca do Convento de Santo

António — desaparecem, abrindo espaço para as obras do Fontismo, o passeio público, na beira-rio, e as pontes, a linha de caminho-de-ferro e a avenida da estação.

### O sentimento do lugar

A partir do último quarto do século XIX, uma construção nova, a capela do alto de Santa Luzia (fig. 16), congrega os esforços de uma sociedade vianense, marcada por uma forte corrente emigratória para o Brasil, na expectativa de benefícios de retornos e incremento do comércio<sup>64</sup>.

Pensada segundo a figura de um santuário<sup>65</sup>, mas com a dimensão acrescida de um reconhecimento histórico-arqueológico do sítio da cidade, que alegadamente permitia certificar a referência dos autores antigos<sup>66</sup>, a obra levantada na primeira metade do século XX parece tomar o sentido de uma estampa de formas com os termos da nova identidade vianense, reclamando a primazia no espaço alargado da cidade e da região<sup>67</sup>.

Como uma espécie de plano de mediação instaurado no alto da serra, no lugar imaginado do assento urbano da Antiguidade, a capela oferece a vista sobre o Átrio do rio e o lugar de refundação de Viana. A expressão revivalista do edifício não seria mais que um gosto da época, não fora o modo adensar-se na construção artificiosa de um manifesto do sítio. Visto ao longe, das terras de marinha e da ribeira do Lima, o corpo da capela parece a linha imaginária da cidade romano-bizantina, numa *Leitura Nova* da sua forma recortada no horizonte.

O tempo ainda não concedeu distância para a falta de sentido da forma da capela, que acentua cruamente a vã intenção da obra... e afasta. Devolve o olhar, num regresso a casa da Senhora da Agonia e a casa do Senhor Jesus dos Mareantes. Ajuda a reconciliar com a edificação mortificada da velha matriz. Encoberta no coração da cidade, a igreja, ora sé, e os seus bens preciosos guardam inscritos os sinais de uma responsabilidade colectiva que edificava, com sentimento, a terra e os lugares de devoção, como uma arca e um tombo da alma das gerações.

Escrevia Frei Luís de Sousa que, em Viana, *os templos, como as casas, não têm excelências de arquitectura, mas riqueza de retábulos dourados e abundância de prata e ornamentos, e bom serviço, especialmente a matriz*<sup>68</sup>. A sua propriedade podia ser atribuída a uma qualidade mais geral dos homens da vila, que os fazia *amigos do bem comum e da conservação dele, moderados na vida e gasto ordinário; mas, nas ocasiões de honra, mais que liberais*<sup>69</sup>. Também disso dá conta a construção da sé. A obra conserva, ombreados, diferentes discursos da forma, num debate que foi esgrimido no corpo da edificação.

Aí, como em outras circunstâncias de obra, opôs-se a *imaginativa inficionada toda e transformada em arquitecturas magnificas*, dos que se criaram *debaixo das abóbas da Batalha*, e a vontade de outros, que

somos filhos de Pedrógão<sup>70</sup> (Frei Bartolomeu dos Mártires).

Mas todos somos filhos de Viana dos dias de honra, mais que liberal.

#### Marta Oliveira

Arquitecta  
Docente da Faculdade de Arquitectura  
da Universidade do Porto

Imagens:

1 e 9: Arquivo Municipal de Viana do Castelo. S.d.;  
2: Instituto Português do Norte;  
3 a 8, 11 e 12: Autora;  
10: DGEMN. S.d.;  
13: DGEMN. Luís Pavão. 2004;  
14 e 15: Biblioteca Nacional;  
16: Arquivo de Fotografia de Lisboa/Centro  
Português de Fotografia. Laboratório Industrial  
Fotográfico de Santos de Almeida. S.d.

#### NOTAS

- Jaime CEPA — "Inquirições de D. Afonso III (1258) no Concelho de Viana do Castelo". *Cadernos Vianenses*, pp. 139-140; *Port. Mon. Hist., Inquisitiones*, cit. por A. FERNANDES — *Paróquias Suevas...*, p. 81.
- Talvez associado à cidade de Santa Luzia, no monte sobranceiro a Viana. O território de *Ovinia* estender-se-ia entre o Lima e o Coura, a frente marítima, e o rio Podre e a serra d'Arga. Na Areosa subsistem ainda designações locais que assinalam a evolução do topónimo *Ovinia* em Vinha: porto da Vinha, que nomeia uma pequena abra marítima, *Sobrevinha* e *Chão da Vinha* (A. FERNANDES — *Ob. cit.*, p. 81) e forte da Vinha, a fortificação levantada por Manuel Pinto Vilalobos, a partir de 1701.
- Poderia ter existido uma terceira igreja, uma *ecclesia baptismalis* consagrada a São João (de Agra ou Agra), que se situaria na área da vila, e não deveria ser confundida com o mosteiro da mesma invocação existente na serra próxima, pois "agra" seria um topónimo medieval comum. A. FERNANDES — *Ob. cit.*, pp. 81-82. Porta da Ribeira ou de São João, assim era denominada a porta da cerca que se abria ao fundo da Rua Grande, do lado poente; e Rua de São João, a via que daí encaminhava, pelo exterior da muralha, em direcção ao cais. Em 1584, o pelourinho foi transferido para junto da porta de São João. A. FERNANDES — *Ob. cit.*, pp. 113(3)-114.
- Com a instituição da Colegiada dá-se a mudança de orago para Santa Ana.
- Manuel MOREIRA — *Os Mercadores de Viana...*, p. 141. As rotas percorridas, assim como as intervenções realizadas na vila, com a organização do porto de mar, a regularização da barra e a linha de cais, na frente da ribeira, dão o peso das actividades ligadas à navegação na economia local. Acresce a exploração de recursos de pesca, no litoral marítimo próximo e em bancos de pescaria longínquos, mas a sua incidência é menor, desenvolvendo-se sobretudo em tempos de crise dos sectores de comércio e importação, como alternativa de aproveitamento dos recursos disponíveis.
- As viagens referem-se a *tomadas* de panos, no Norte da Europa, em particular em Inglaterra, e *levadias* de sal, de madeira e de ferro das Astúrias e da Biscaia.
- Contam-se intempéries, acções de pirataria e de corso que atingem as frotas, com perdas no mar, a concorrência do açúcar das Antilhas e a Guerra da Restauração. Manuel MOREIRA — *O Porto de Viana...* *Idem* — *Os Mercadores de Viana*, p. 27.
- A par de actividades bancárias e de entesouramento, de banqueiros e mercadores mais ricos, a entrada na posse de terras, na região, irá revelar-se vantajosa como garantia de empréstimos e segurança de transacções, e útil no processo de abastecimento dos navios, estando na origem da consolidação da posição social, e mesmo nobilitação de um novo estrato de mercadores-proprietários, cujo enriquecimento é potenciado pela revolução do milho.
- Manuel MOREIRA — *O Porto de Viana...*, pp. 131 e 133.
- Frei Luís de SOUSA — "Do sítio e antiguidade e calidades da notável vila de Viana". *A Vida de D. Frei...*, Livro I, cap. xxvi, pp. 124-134.
- Luís de Figueiredo da GUERRA, cit. por Augusto Pinho LEAL — "Vianna do Castelo". *Portugal Antigo e Moderno...*, vol. 10, em particular pp. 360-371, 382-386.
- Em 1637, é decidida a construção de uma capela em honra dos Santos Mártires de Viana, Teófilo, Saturnino e Revocata, com festa instituída a 6 de Fevereiro. O lugar situa-se no caminho para a pedreira de Santa Luzia. Manuel MOREIRA — *O Município e os Forais...*, pp. 126, 212.
- Rodrigo Mendes da SILVA (*Poblacion General de España*, 1675, cap. cxxiii, p. 141), apoiando-se em autores antigos, indica que Viana teria sido sede de bispado, antes de se unir a Tui, em 610. A fundação da vila daria continuidade a uma cidade, sede de um bispado antigo de *Britonia*, que teria sido mudado, em tempos idos, para o monte de Santa Luzia. Augusto Pinho LEAL — *Portugal Antigo e Moderno...*, vol. 10, pp. 362, 368. No início do século XVIII, Carvalho da Costa retoma a informação de que Viana teria sido cidade episcopal até 640. P. Carvalho da COSTA — *Corografia Portuguesa...*, vol. 1, p. 169. Não houve um bis-

pado, mas a jurisdição eclesiástica do território do antigo *pagus de Ovinia* é atribuída à diocese de Tui, em 579.

- Em finais de 1374, os moradores de Ponte de Lima e do seu termo ainda são chamados a ajudar a fazer a cerca de Viana, segundo ordem do rei. João MONTEIRO — *Os Castelos Portugueses...*, p.130.
- A conjugação de sinais no espaço, do templo e do castelo, está presente em outras estruturas urbanas: em Braga, na ousia da Capela da Senhora da Lapa, junto com a torre de menagem do castelo, e em Nisa, fundação do Alto Alentejo, na implantação da igreja matriz às portas do castelo. Aliás, o perímetro da cerca da vila dionisina engloba uma torre angular levantada sobre um penedo.
- Na igreja do Convento de São Domingos estavam incluídos uns ourais na volumetria da cabeceira, que eram dotados de frestas para a colocação de iluminação sinalizadora da navegação, na entrada da barra. António PEIXOTO — "O porto de mar...", *Cadernos Vianenses...*, p. 43.
- A sua presença é salientada numa gravura de 1780, "Vista meridional de Vianna Fos de Lima", de Ventura S<sup>a</sup> [Silva?], in Manuel Gomes de Lima BEZERRA — *Os Estrangeiros no Lima*. Coimbra: Real Oficina da Universidade, 1791, tomo II, pp. 70-71.
- A intersecção das duas direcções situa-se no braço sul do transepto, na Capela da Irmandade do Espírito Santo. As medições foram efectuadas sobre desenhos, em suporte digital e com grande ampliação, e os traçados foram verificados por meio de cálculos. Todavia, registam-se diferenças no cruzamento da informação relativa à implantação da Sé, nas cartas aerofotogramétricas, à escala de 1:2000, com os desenhos de levantamento da Sé, apresentados à escala de 1:100. Seriam necessários elementos de levantamento mais rigorosos das edificações e do espaço urbano.
- Idêntica relação de enfiamentos podia ser observada, entre outros casos coevos, em Lisboa, no modo como a fachada da igreja do Hospital de Todos-os-Santos surgia ao fundo da Rua Nova d'El-Rei, e da via que encaminhava da encosta fronteira para o Rossio, e, em Coimbra, no modo como a fachada da igreja do Mosteiro de Santa Cruz era lida a partir dos arruamentos que desembocavam no largo fronteiro.
- Do lado sul da igreja, junto da porta travessa, a disposição regular da praça velha encontrava-se comprometida pelas lajes de penedos que condicionavam o acesso à porta travessa. Em 1524, a câmara manda quebrar uns penedos; dois anos mais tarde tem início a construção da capela junto às escadas do coro. Manuel MOREIRA — *O Município e os Forais...*, p. 221.
- Na fig. 3, a medida '2M' equivale à largura do corpo das naves da igreja, tomada pelo exterior (para o sentido que adquire este módulo como duplicação de um módulo do interior da igreja, ver fig. 11). A dimensão é igual à profundidade do adro, entre a fachada da Casa dos Lunas e o portal da Sé, no alinhamento coincidente com a face interior da parede dos pés da igreja. A duplicação de 2M aponta a delimitação quadrada de um espaço de praça, que conteria a arcada até quase ao extremo do alpendre da Casa de João Velho. A razão de  $\sqrt{2}$  para 2M determina um segundo quadrado, na proporção da diagonal, que define o limiar de passagem à capela-mor, e determina a posição da torre do Espírito Santo, sobre o lado da figura geométrica.
- Apesar das diferenças de forma do edificado, valeria a pena reler, no contexto, o plano de ordenamento da praça e catedral de Pienza, de Bernardo Rossellino, desenvolvido nos anos sessenta de Quatrocentos.
- Leon ALBERTI — *L'Architettura...*, tomo I, livro IV, [cap. v], p. 306.
- O equilíbrio foi alterado com as intervenções de alargamento da via, na segunda metade do século XIX, que acertaram uma rectificação possível do seu traçado e determinaram a abertura franca a partir da Praça da República (ver nota 34).
- Além de Alberti, participam no diálogo Nicola di messer Veride' Medici e Agnolo di Filippo Pandolfini, a quem é referido o elogio, e são atribuídas as palavras de encómio da catedral. ALBERTI — *Profugiorum ab aerumna Libri III*, Libro I.
- A incorporação do território do Alto Minho na diocese de Ceuta é concedida pelo papa em 1444-1445, e reafirmada, em definitivo, em 1452, mas já desde o final do século XIV existia uma situação de facto de não subordinação à jurisdição eclesiástica do bispado de Tui.
- A incorporação na arquidiocese de Braga é acordada por D. Diogo de Sousa com o bispo de Ceuta, em 1512, sendo confirmada pelo papa Leão X, em 1513, e tornando-se efectiva, para a Igreja Matriz de Viana, em 1514.
- A igreja de San Clodio de Leiro remonta a finais do século VI, mas a primeira documentação data de 928; em 1225 integra a Ordem de Cister. A igreja românica, construída na passagem ao século XIII, é abobadada em Quinhentos.
- A primeira referência a Santa Maria de Armenteira data de 1151, mas é tradição de que se trata de uma fundação mais antiga. Em 1162 integra a Ordem de Cister. A igreja abacial é terminada por volta de 1212.
- Os primeiros ensaios de formação de um modelo de igreja beneditina, na Igreja de São Pedro de Rates, dão conta de certos aspectos daquela evolução. Manuel REAL — *O Românico Condal...*
- A razão de largura e profundidade dos tramos, medida a eixo dos pilares, é aproximadamente a seguinte: primeiro tramo, 9:5; segundo tramo, 1:1; terceiro tramo, 11:10; quarto tramo, 9:8; tramo do "cruzeiro", 1:1. De facto, como a nave central da igreja estreita na direcção do transepto, e o segundo tramo e o quinto tramo são aproximadamente quadrados, este último é mais pequeno.
- Pelo contrário, seria possível colher exemplos de igrejas românicas com idêntica proporção de corpo, mas de escala muito diferente, ou, em alternativa, com idêntica amplitude de tramos, mas variação do seu número, o que implica uma proporção diferente do corpo da edificação. A matriz de Vila do Conde apresenta igual proporção do corpo das naves, mas o seu módulo de traçado é um pouco

- maior que o da igreja de Viana. Na Golegã, a delimitação do corpo das naves é semelhante, mas a distribuição regular dos tramos não concede o desenvolvimento de um transepto.
- <sup>33</sup> A dimensão das aberturas apropriadas a uma igreja, em terra fria, merece um comentário do bispo de Miranda do Douro, a propósito do projecto da Sé, apresentado por Gonçalo Torralva: *por ser esta terra ser fria, parece incôveniente aver tantas janellas, porem mas fria he Salamãca, Burgos e Medina, e pera yso a vydras, e quando depoy de feyta parecerem muytas se podrá tapar as que cõoyer e fazerense pequenas; (...)* (carta de 15 de Dezembro de 1747). Sousa VITERBO — *Diccionario Historico e Documental...*, 1904, vol. III, n.º 1015, p. 135.
- <sup>34</sup> Os três tramos das naves de São Domingos de Vila Real equivalem a três tramos e meio da igreja de Guimarães. A comparação das duas igrejas dominicanas ajuda a compreender as transformações ocorridas na reconstrução de Nossa Senhora da Oliveira, que terá sido condicionada pela configuração de um transepto pre-existente.
- <sup>35</sup> A alpendrada da praça velha era mais extensa que a actual frente de casas. Na *Planta Cadastral da Cidade de Vianna do Castello*, de 1868-1869, à escala de 1:500 (Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas), já se encontra previsto o alargamento da Rua da Praça, à custa de um realinhamento de fachadas que, desde 1862, vinha a ser pontualmente concretizado. Cerca de 1876 é elaborado um novo projecto de alargamento da rua, então denominada de D. Luís. O plano foi executado em parte, mas não afectou a Casa dos Lunas, que conserva o alinhamento original, frente à matriz. Terá sido à luz desse plano que a frente porticada da praça desapareceu, incluindo a edificação que ocuparia a parcela de gaveto. "Planta das Ruas de D. Luiz e de Stª Anna", s/autor, c. 1876, in Mário FERNANDES — *Viana do Castelo: Obras...*, p. 131; *idem* — *Urbanismo e Morfologia Urbana...*, vol. 2, p. 275.
- <sup>36</sup> A largura dos arruamentos é variável, mas alguns valores próximos podem ser lidos, quer na Rua Grande, quer na Rua do Poço.
- <sup>37</sup> Pedem também uma sacristia e, em 1455, acrescentam o pedido de um subsídio para a construção de alpendres. Francisco FERNANDES — "Matriz velha" e "matriz nova"... *Cadernos Vianenses*, p. 121.
- <sup>38</sup> A mudança pode ser observada na forma moderna das torres de povoações de fronteira, desenhadas por Duarte de Armas no *Livro das Fortalezas* (Oliveira, Arronches, Castelo de Vide...).
- <sup>39</sup> Em Caminha, a torre é concluída em 1556; em Vila do Conde e Azurara, no século XVII.
- <sup>40</sup> O projecto de reforma eclesiástica previa a subdivisão do território da arquidiocese de Braga, com a constituição de novos bispados em Viana, Miranda do Douro e Freixo de Espada Cinta. A constituição do bispado de Viana incluía o território do Alto Minho, com excepção do termo administrativo de Ponte de Lima, que permanecia ligado a Braga. João DIAS — *Gente e Espaços...* vol. 1, pp. 416 e segs.; e 437-440.
- <sup>41</sup> O traçado de asa de cesto é mais claro na torre do lado sul, que foi reconstruída em 1873. A propósito da notação de sinais de antiguidade, poderia ser lembrado que D. Justo Balbino se destacou como figura de autoridade e cultura, na corte do papado, tendo sido chamado pelo rei, a Portugal, para lhe ser confiada a tradução latina das crónicas de Fernão Lopes.
- <sup>42</sup> As duas obras têm uma datação de finais do século XIX. O coroamento das torres do paço de Castrelos terá sido acrescentado pelo marquês de Alcedo, no curso de obras levadas a cabo em finais do século XIX e início do século XX. CURTY, 1989, *passim*. No que se refere às torres da casa do Castelo, o desenho concorda com a origem recente do título da casa, da segunda metade de Oitocentos.
- <sup>43</sup> Na torre norte, há uma figura masculina que parece ostentar uma cabeleira, como era uso nos séculos XVII ou XVIII. A forma de cornija com arcos lembra a cornija que encima o portal da Sé de Coimbra.
- <sup>44</sup> Em 1534 e 1549, precisamente no tempo em que se forma o projecto de instauração da diocese, o papa Paulo III, sabendo da existência do conjunto, concede a quem visite a matriz de Viana as mesmas graças e indulgências que pelos dias do ano se alcançam nas igrejas, dentro e fora das muralhas de Roma.
- <sup>45</sup> A ampliação da capela-mor de São Domingos data de 1774. A reconstrução da capela-mor de Paço de Sousa ocorre nos anos de 1780-1786. O desenho, de referência neogótica, é do risco de Frei José de Santo António Vilaça. A Igreja de São Domingos apresenta uma nova relação de largura/profundidade de 2:5. Na igreja beneditina, essa relação é de 2:6; a elevação do corpo de cruzeiro torna-se o corolário do novo equilíbrio da sua disposição interior. Nos casos apresentados em desenho, o módulo que proporciona, de novo, o corpo da igreja é determinado a partir do transepto. Porém, em nenhum dos exemplos os braços do transepto são iguais. Nas igrejas de Guimarães e de Vila Real, é tomada a dimensão menor, correspondente ao braço do lado da Epístola. Essa medida encontra-se representada em projecção, do lado do Evangelho. Se a menor dimensão for o módulo de proporcionamento do corpo de uma edificação, a maior dimensão pode exercer cabalmente o efeito de magnificação de uma parte em especial, neste caso, o lado da igreja à mão direita da capela-mor. Trata-se de um recurso subtil de desenho que se pratica também ao nível do pormenor. Na ala de hospedaria nova do convento de Tibães: existe uma diferença de medida das molduras das portas, que têm um palmo nas celas comuns, e alargam ligeiramente nas cinco salas que compõem os aposentos do abade, incluindo o oratório, onde têm 1 palmo e 1 dedo (essa obra é de Frei José de Santo António Vilaça).
- <sup>46</sup> Segundo a tradição, a irmandade já existia na igreja de Santa Maria da Vinha; daí teria transitado para a Igreja de São Salvador, em 1385. A transferência para a matriz, para o braço sul do transepto, ocorre em 1475.
- <sup>47</sup> A Capela dos Mareantes é concluída em 1510; na parede exterior guarda a data de 1504. A primeira ampliação do espaço é realizada por João Lopes, o Velho, em 1563, no ano em que é outorgada a Viana a condição de *Mui Notavel Vila*.
- <sup>48</sup> Em 1693 efectua-se as primeiras diligências com vista à realização da obra, que incluem um pedido de autorização para aproveitamento de parte do muro da vila. A ampliação é concluída em 1713.
- <sup>49</sup> Considerando que a Capela dos Mareantes foi ampliada em 36 palmos, em 1778, calculámos a dimensão que teria anteriormente, e tomámos essa medida como uma indicação de referência para o braço sul do transepto. A representação simétrica permite visualizar um momento intermédio da evolução do espaço da igreja, que poderá nunca ter existido nessa exacta configuração. Porém, o desenho da solução oferece coordenadas de referência para a observação do transepto e das capelas adossadas às naves da igreja. Nesse caso, a extensão do transepto seria de  $4 \times M$  (fig. 10). Ora, o mesmo módulo  $M$  certifica o comprimento total da igreja de  $5 \times M$ , incluindo a extensão da capela-mor, atribuída a Manuel Pinto de Vilalobos. Por sua vez, a largura do corpo das naves da igreja, tomada pelo exterior, equivale aproximadamente a  $2 \times M$  (fig. 3, o módulo  $2M$ , explica o ordenamento do lugar de implantação da matriz). O sistema de modulação do transepto, na sua versão final, compreender-se-á se for considerado que o comprimento da igreja, até ao fundo da capela-mor, é definido por uma equivalência de módulos:  $5M = 7m$ , de onde decorre a extensão do transepto actual definida por  $8 \times m$ , por defeito (a diferença de  $3/4$  do palmo, lida em planta, equivale a 0.34% da extensão do transepto). A sistemática conversão de módulos em unidades métricas apenas deverá ser tentada com um levantamento mais rigoroso.
- <sup>50</sup> As promessas invocam o patronato do santo *como advogado dos males de estômago e principalmente contra o fastio*. A *AURORA do Lima*, de 8 de Outubro de 1884 (ano XXIX, n.º 4327), José LOUREIRO — *Sociabilidade Religiosa em Viana do Castelo...*, p. 109.
- <sup>51</sup> A terceira torre não é registada. É certo que a representação é esquemática e recorre a lugares-comuns de representação, mas o desenho atento de pormenores de certas edificações, como o portal da Capela da Senhora da Agonia, certificam que o autor do desenho conhece bem a vila e procura a representação fidedigna dos edifícios principais.
- <sup>52</sup> Como exemplo de uma fachada com três janelas esguias, no tramo central, poderia ser citada a igreja do mosteiro cisterciense de Santo André de Fiães, Melgaço, mas a posição das aberturas sobre três nichos implica um terceiro registo. A solução é menos frequente que a composição com dois janelões, axializada ao mesmo nível por um nicho, ou um elemento decorativo e emblemático que surge nas igrejas dos conventos beneditinos de São João de Cabanas e de São Romão de Neiva, e de outras ordens religiosas e paroquiais da Ribeira Lima (matriz de Ponte da Barca, de Manuel Pinto de Vilalobos), e de Braga (São Vítor e de São Vicente). Aliás, a torre do lado sul da Capela do Espírito Santo mostra uma articulação de extractos semelhante à da torre da matriz de Ponte da Barca.
- <sup>53</sup> Desse tempo, a intervenção na Capela da Piedade, que mostra uma fenestração idêntica às aberturas da Capela da Senhora da Agonia.
- <sup>54</sup> A intervenção de recuperação decorre entre 1831 e 1835.
- <sup>55</sup> A rosácea de Viana servirá de modelo para a abertura refeita na Igreja Matriz de Ponte de Lima, já no século XX, em substituição de duas portas lateralizadas e de um varandim estreito que descaracterizavam o registo superior da fachada.
- <sup>56</sup> A solução permanece até ao início do século XX. Depois, a escadaria irá recuar para o plano dos pés-direitos do pórtico, na sombra projectada pelas suas arquivoltas.
- <sup>57</sup> Em Lisboa, no Hospital de Todos-os-Santos, o tabuleiro elevava-se dezanove degraus, parecendo entronizar a obra magnificente da igreja, com o seu portal manuelino. Em Viana, há registo de terem sido efectuadas reparações na porta principal, em 1594, que teriam modificado a base dos colunelos do pórtico. Manuel MOREIRA — *O Município e os Forais...*, p. 222.
- <sup>58</sup> Apenas subsiste um rendilhado pintado, que envolve o extradorso da arcada, mas o intradorso também foi decorado com cogulhos. Trata-se de um elemento de referência batalhina que, em geral, ornamenta arcos de traçado radial menor, pertencentes às arcadas que se desenvolvem à largura da igreja, na cabeceira e na galilé, em arcosólios ou em pequenas capelas. Como o rendilhado vianense que decorava o intradorso dos arcos formeiros mantinha um número de cogulhos semelhante ao das outras obras, os elementos surgiam extremamente amplificados.
- <sup>59</sup> Em Silves, os cogulhos revestem o intradorso dos arcos das capelas da cabeceira; na Sé de Braga decoram a arcada do pórtico. Mais significativa como referência para a obra de Viana terá sido a existência de um rendilhado de cogulhos que ornamentava o intradorso do arco triunfal da edificação bracarense. A sua presença foi anotada num desenho da cabeceira da Sé, atribuído a João Antunes, que documenta o estado da igreja, em planta e em alçado, no início das obras de reformulação do espaço, realizadas sob mecenato do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles. Manuel REAL — "O projecto da Catedral de Braga...". *Cadernos Vianenses...* fig. 36, p. 508.
- <sup>60</sup> A par com a requalificação da igreja, dá-se, no século XIX, a mudança de orago para Nossa Senhora da Assunção ou Santa Maria Maior, como em outras sés. Em 1848, a vila é elevada a cidade, e toma o nome de Viana do Castelo.
- <sup>61</sup> Augusto Pinho LEAL — *Portugal Antigo...* vol. X, p. 374.
- <sup>62</sup> Em parte, o juízo de avaliação que decidirá pelo derrube de edificações conventuais será tocado por uma onda de anticlericalismo que acompanha a extinção das ordens religiosas.
- <sup>63</sup> Aí entroncava a ponte de madeira (construída a partir de 1817, e aberta ao público em 1820), que um temporal fez ruir em 1878.

- <sup>64</sup> No cimo da serra existiu uma antiga capela de Santa Águeda, que deu lugar a uma ermida da invocação de Santa Luzia, em 1712. Em meados do século, já se pretendia fazer uma nova capela, como é notado na legenda da *Planta de Vianna, Barra e Castello, feita em 1756, e acrescentada na Cerca do Convento dos Cruzios em 1758* (Biblioteca Pública Municipal do Porto). No século XIX, a obra é impulsionada pela Confraria de Santa Luzia, fundada em 1884, que se distingue de outras confrarias vianenses por integrar uma parte destacada da sociedade vianense, uma "elite" de profissões liberais e funcionários públicos, de proprietários abastados e ricos negociantes. José LOUREIRO — *Sociabilidade Religiosa em Viana...*, pp. 52 e 54.
- <sup>65</sup> Foram elaborados três projectos para a obra, com alternativas de estilo. Uma das soluções, que aparece em postais do último quarto do século XIX (Maria Emília VASCONCELOS — "Postais de Viana". *Cadernos Vianenses...*, pp. 56-57), previa uma edificação de planta longitudinal, de referência gótica, com uma flecha ao modo do santuário de Lourdes; uma segunda solução apontava um templo de cruz grega e gosto neoclássico. O templo, dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, realiza-se segundo projecto de Ventura Terra, de 1898. A construção tem início nos anos de 1904 a 1910; em 1925 é reatada de novo, por Miguel José Nogueira que foi seu discípulo, e conclui-se em 1943. *O Neomanuelino...*, pp.152-157.
- <sup>66</sup> Figueiredo da Guerra, formado em Direito e investigador da história local, faz a releitura daqueles autores, e participa nas escavações da cidade de Santa Luzia, que têm o apoio de Joaquim Possidónio da Silva e da *Associação dos Archeologos e Architectos Portuguezes*, em 1877. Na Confraria de Santa Luzia, detém o cargo de secretário da Mesa à data da sua constituição, em 1884. Augusto Pinho LEAL — *Portugal Antigo...* pp. 450-451.
- <sup>67</sup> Inclusive na peregrinação de 1894, o padre jesuíta que a conduziu propôs, no sermão pregado no cimo do monte, a (...)  *aquisição de uma estátua do Sagrado Coração de Jesus que abençoasse não só a cidade e o mar, mas também o seu distrito, o Minho e toda a Nação* (...). *O NEOMANUELINO...*, p. 153.
- <sup>68</sup> Mas ressalva: *No edifício tem grandeza, e, nos ofícios divinos, grande solenidade e concurso de todos os estados de gente, grande devoção e bom serviço*. Frei Luís de SOUSA — *A vida de D. Frei...* Livro I, cap. xxvi, p. 132.
- <sup>69</sup> Frei Luís de SOUSA — *A vida de D. Frei...* Livro I, cap. xxvi, p. 131.
- <sup>70</sup> Carta de Frei Bartolomeu dos Mártires, dominicano, arcebispo de Braga, escrita de Trento para o Vigário do Convento de Santa Cruz, de Viana, da Ordem de São Domingos, referindo-se a Frei Julião Romero e à obra que estava em curso: (...) *E porque saiba que o Padre Fr. João em alguma maneira é suspeito neste caso de edificio magnífico, lembre-lhe que desde menino se criou debaixo das abóbadas da Batalha, pelo que tem a imaginativa inficionada toda e transformada em architecturas magnificas. Mas Vossa Reverência e eu somos filhos de Pedrógão*: (...). Frei Luís de SOUSA — *A vida de D. Frei...* Livro II, cap. xiv, pp. 205-206. Pedrógão, talvez Pedrógão Grande, vila de trabalho da Beira Interior, de ruas empedradas e arquitectura comum, bem temperada. Frei Bartolomeu dos Mártires (autor da referida carta) era natural de Lisboa e leccionou no colégio da Ordem, na Batalha. No final da vida, retirou-se para o convento de Viana que tinha fundado. Faleceu em 1590.

## B I B L I O G R A F I A

- ALPUIM, Maria Augusta d'; VASCONCELOS Maria Emília de — *Casas de Viana Antiga*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, 1983.
- ALBERTI, Leon Battista; ORLANDI, Giovanni (trad. e adap.); PORTOGHESI, Paolo (introd. e notas) — *L'Architettura. De re aedificatoria*.. Milano: Il Polifilo, 1966, 2 tomos. (Trattati di Architettura; a cura di Renato Bonelli e Paolo Portoghesi; volume primo).
- COSTA, P. António Carvalho da — *Corografia Portuguesa, e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal...* 1.ª ed. Lisboa: na Off. de Valentim da Costa Deslandes, 1706-1712; 2.ª ed. Braga: Typographia de Domingos Gonçalves Gouveia, 1868-1869, 3 vols.
- CEPA, Jaime — "Inquirições de D. Afonso III (1258) no Concelho de Viana do Castelo". *Cadernos Vianenses. Notícia do Passado e do Presente da Região de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Edição do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal, (Out.) 1978, tomo I, pp. 133-151.

- DIAS, João José Alves — *Gentes e Espaços: em Torno da População Portuguesa na Primeira Metade do Século XVI*. Lisboa: Ed. do Autor, 1992, 3 vols.
- FERNANDES, Francisco José Carneiro — "'Matriz Velha' e 'Matriz Nova' de Viana". *Cadernos Vianenses. Notícia do Passado e do Presente da Região de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura da Câmara Municipal, (Jun.) 1981, vol. 5, pp. 111-132.
- FERNANDES, A. de Almeida — *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1997.
- FERNANDES, Mário Gonçalves — *Viana do Castelo: Obras Públicas e Evolução do Espaço Urbano*. Coimbra: s. n., 1992. Dissertação de mestrado em Geografia Humana, apresentada à Universidade de Coimbra. Texto policopiado.
- FERNANDES, Mário Gonçalves — *Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal: Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragaça, 1852-1926*. Porto: Edição do autor, 2002, 2 vols. Dissertação de doutoramento em Geografia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho — *Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico: de Todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal e de Grande Numero de Aldeias...*: *Notícia de Muitas Cidades e Outras Povoações da Lusitania de que Apenas Restam Vestigios ou Somente a Tradição*. Lisboa: Livraria Editora Mattos Moreira, [1873-1890], 12 vols., vol. 10.
- O LITORAL e a Cidade: *Matizes Cartográficas*. Viana do Castelo: Arquivo Municipal de Viana do Castelo, 2001. Catálogo de exposição.
- LOUREIRO, José Carlos de Magalhães — *Sociabilidade Religiosa em Viana do Castelo na Segunda Metade do Século XIX*. Porto: Faculdade de Letras, 1997. Dissertação de mestrado em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MARTIN CURTY, José António — *Castelos: Aproximación Arquitectónica*. Santiago de Compostela: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1989.
- MONTEIRO, João Gouveia — *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média: Presença, Perfil, Conservação, Vigilância e Comando*. Lisboa: Colibri, 1999 (*Estudos da Faculdade de Letras de Coimbra*).
- MOREIRA, Manuel António Fernandes — *O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimientos*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1984.
- Idem — *O Município e os Forais de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1986.
- Idem — *Os Mercadores de Viana e o Comércio do Açúcar Brasileiro no Século XVII*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1990.
- O NEOMANUELINO ou a Reinvenção da Arquitectura dos Descobrimientos. Lisboa: Instituto Português do Património Arqueológico e Arquitectónico, 1994. Catálogo de exposição, patente ao público na Galeria de Pintura do Rei D. Luís, em Lisboa, 1994.
- PEIXOTO, António Maranhão — "O porto de mar de Viana do Castelo e o projecto de C. Marnay de 1881". *Cadernos Vianenses. Notícia do Passado e do Presente da Região de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura da Câmara Municipal, 1995, vol. 19, pp. 39-49.
- REAL, Manuel Luís — "O projecto da Catedral de Braga, nos finais do século XI, e as origens do românico português". *IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga: Actas*. Braga: Universidade Católica Portuguesa; Faculdade de Teologia de Braga; Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, pp. 435-511 (*Memorbilia Christiana*).
- Idem — *O Românico Condal em São Pedro de Rates e as Transformações Beneditinas do Século XII*. Póvoa de Varzim: s.n., 1982. Separata do *Boletim Cultural*, vol 12, n.º 1.
- SOUSA, Frei Luís de — *A Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- VASCONCELOS, Maria Emília — "Postais de Viana". *Cadernos Vianenses. Notícia do Passado e do Presente da Região de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Edição do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal, 1979, tomo II, pp. 54-73.
- VITERBO, Sousa — *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*. 1.ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899-1922; 2.ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, 3 vols.

## DOSSIÉ: Sé de Viana do Castelo

Evolução do centro histórico de Viana do Castelo

Um “tríptico” para Viana

Viana, a Sé

Renovação urbana e arquitectónica entre os séculos XVII e XVIII: as reformas da igreja matriz

O restauro da matriz no século XIX

As capelas da Sé através da documentação das suas irmandades: abordagem cripto-histórica

André de Padilha e a pintura do Renascimento em Viana da Foz do Lima, 1517-1561

Escultura devocional em Viana da Foz do Lima no século XVI. *A Lamentação de Cristo* da Confraria dos Mareantes

Os órgãos da Sé

Mobiliário monumental da igreja matriz

O tesouro da igreja

O modelo do navio da Capela dos Mareantes

A actividade artística das confrarias no vale do Lima

Os mestres da Sé revisitados no Mosteiro de Santa Ana

O alpendre da Irmandade do Santíssimo Sacramento da matriz de Viana

“Casas nobres” de Viana

A Sé de Viana do Castelo: intervenções e acompanhamento arqueológico

### VÁRIA

Igreja do Mosteiro de Landim: reconhecimento, reflexão e recuperação

Posto de turismo de Conímbriga

Convento do Varatojo: os novos corredores da comunidade

Contributos para o estudo da arquitectura algarvia: a *Quinta de Estoi*

Caracterização urbanística de Rabo de Peixe. Programa *Old Guettos — New Centralities*

# monumentos



DIRECÇÃO-GERAL DOS EDIFÍCIOS  
E MONUMENTOS NACIONAIS



Portugal em Acção